

PERSPECTIVAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE LÁCTEOS NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Airton Spies, PhD

Engenheiro Agrônomo e Administrador - ALSB

Em 2050 o mundo terá 9,4 bilhões de habitantes, que precisarão se alimentar todos os dias. Atualmente, a população mundial é de 7,5 bilhões de pessoas e as projeções da Organização das Nações Unidas (ONU) são de que até 2050 teremos um aumento de 30% nesse número, chegando a 9,4 bilhões – principalmente nos países em desenvolvimento (África, Ásia e América Latina).

A ONU estima ainda que em 2050 o consumo de alimentos seja 50% maior do que hoje, sendo que o consumo de proteína animal, incluindo os lácteos, pode crescer mais de 75% nesse período. Essa premissa está assentada no fato de que os alimentos de origem animal ainda são caros e inacessíveis para grande parte da população mais pobre do planeta, para quem o consumo de um bife ou de um copo de leite por dia ainda é um sonho.

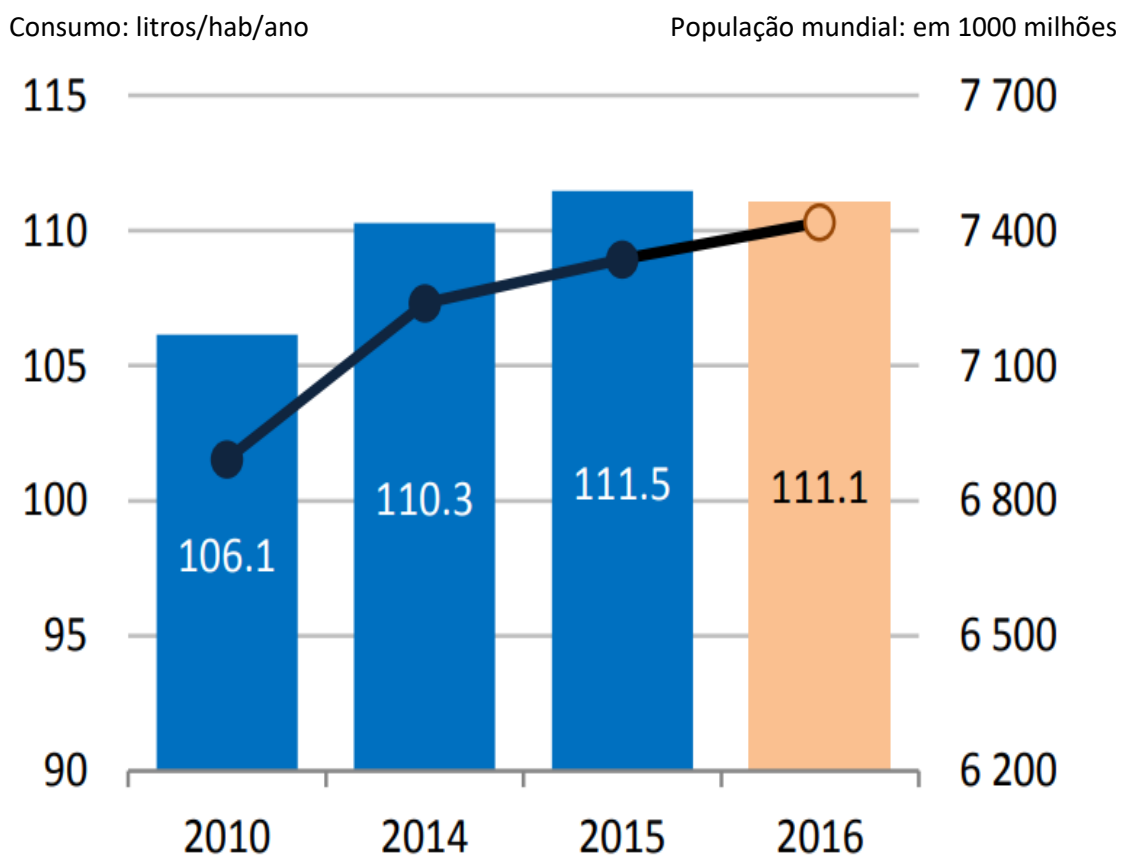
Uma das características dos países mais populosos, como a China (1,42 bilhões de habitantes), a Índia (1,31 bilhões de habitantes) e o continente Africano (1,1 bilhões de habitantes), é que a maioria das pessoas ainda possui uma renda per capita abaixo de 5 dólares americanos por dia. Mas esse cenário está mudando, inclusive na América Latina, com o desenvolvimento da economia e com a industrialização em massa de produtos exportáveis nas últimas décadas.

Economistas estimam que até que a renda per capita de uma família chegue a 8 dólares por dia, a maior parte da renda adicional que venham a conquistar, vai ser prioritariamente gasto com alimentos. E é justamente isso que vem acontecendo na China, Índia, África e América Latina.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cada pessoa deve consumir no mínimo 200 litros de leite por ano. Em 2017, a produção mundial de todos os tipos de leite foi de 820 bilhões de litros de leite – aproximadamente 112 litros por pessoa - representando apenas 56% do recomendado pela OMS. Temos aí um déficit de 88 litros de leite por habitante anualmente. Porém, disponibilizar mais leite não garantirá um consumo maior, já que o poder aquisitivo de uma grande parte da população mundial ainda não alcança o consumo de leite no nível recomendado. O crescimento econômico e a melhoria da renda das famílias nos países mais populosos irão impulsionar o consumo.

Estamos diante de três ondas de demanda de alimentos nos próximos 30 anos. A primeira, já em franca atividade, é o mercado chinês. Na China, a renda per capita triplicou nos últimos 10 anos, saindo de US\$ 2.703 dólares em 2007 para US\$ 8.123 em 2016. A próxima onda virá da Índia, país com uma população também gigantesca, porém com uma renda per capita em torno de 1/5 da média chinesa. Depois virá o impulso de consumo de alimentos gerado pelo desenvolvimento dos 54 países que compõem a União Africana. É claro que em todo esse período teremos um aumento de demanda em outros países como a América Latina e o Leste Europeu. No gráfico 1 estão apresentados o consumo per capita de lácteos e a população mundial.

Figura 1: População mundial e consumo per capita de lácteos



Fonte: InternationalDairyFederation

Dessa análise conclui-se que o Brasil está diante de uma grande oportunidade para produzir alimentos, abastecendo seu mercado interno (com mais 207 milhões de consumidores) e também vendendo para o mundo. Existem aqui grandes vantagens comparativas que podem (e devem) ser transformadas em vantagens competitivas.

Contudo, o Brasil tem dificuldades estruturais que tiram a competitividade do setor frente aos concorrentes como a União Europeia e Estados Unidos, e mais ainda, com a Nova Zelândia, Austrália, Argentina e Uruguai. Na ampla maioria, o leite brasileiro hoje é mais caro e tem menos qualidade que o leite desses principais players mundiais do setor. Para mudar esse cenário, o Brasil precisa desenvolver uma cadeia produtiva de lácteos que seja capaz de produzir uma matéria-prima de qualidade, com sustentabilidade econômica e ambiental, a custos competitivos, com rebanhos saudáveis, cujos produtos possam ser exportados e assim gerarem e distribuírem valor aos produtores, aos agentes da cadeia e às indústrias.

A Tabela 1 mostra a produção total de leite de vaca em países selecionados entre 2012 a 2017, participação na produção e percentual de crescimento. Com uma produção de 35 bilhões de litros em 2017, o Brasil é o quinto maior produtor mundial, contribuindo com 7% do total produzido nesses países selecionados, que por sua vez representam cerca de 63% do total produzido no mundo.

Tabela 1. Produção de leite nos principais países produtores e participação percentual.

País / Bloco	2012	2013	2014	2015	2016	2017 (p) ¹	Prod.	Part.	Taxa de crescimento (%)		
							média no	média na	2017/	2016/	2015/
							período	prod.(%)	16	15	12
							2012-15		%	%	% aa
União Européia	139.000	140.100	146.500	150.200	152.000	152.500	143.950	29,6%	0,3%	1,2%	2,6%
Estados Unidos	91.010	91.277	93.485	94.620	96.343	98.339	92.598	19,0%	2,1%	1,8%	1,3%
Índia	55.500	57.500	60.500	64.000	68.000	72.000	59.375	12,2%	5,9%	6,3%	4,9%
China	32.600	34.300	37.250	37.550	35.700	35.000	35.425	7,3%	-2,0%	-4,9%	4,8%
Brasil	32.304	34.255	35.124	35.000	34.650	34.997	34.171	7,0%	1,0%	-1,0%	2,7%
Rússia	31.831	30.529	30.499	30.560	30.350	30.195	30.855	6,3%	-0,5%	-0,7%	-1,3%
Nova Zelândia	20.567	20.200	21.893	21.582	21.370	21.600	21.061	4,3%	1,1%	-1,0%	1,6%
México	11.274	11.294	11.464	11.736	11.934	12.100	11.442	2,4%	1,4%	1,7%	1,3%
Argentina	11.679	11.519	11.326	11.552	10.397	10.605	11.519	2,4%	2,0%	-10,0%	-0,4%
Ucrânia	11.080	11.189	11.152	10.584	10.380	10.200	11.001	2,3%	-1,7%	-1,9%	-1,5%
Austrália	9.811	9.400	9.700	9.800	9.200	9.500	9.678	2,0%	3,3%	-6,1%	0,0%
Canadá	8.614	8.443	8.437	8.773	9.100	9.450	8.567	1,8%	3,8%	3,7%	0,6%
Japão	7.631	7.508	7.334	7.379	7.420	7.400	7.463	1,5%	-0,3%	0,6%	-1,1%
Belarússia	6.766	6.633	6.703	7.047	7.170	7.245	6.787	1,4%	1,0%	1,7%	1,4%
Uruguai	1.936	2.018	2.014	1.974	1.775	1.793	1.985	0,4%	1,0%	-10,1%	0,6%
Paraguai	515	518	527	537	546	552	524	0,1%	1,0%	1,8%	1,4%
TOTAL	472.119	476.683	493.909	502.894	506.336	513.476	486.401	100,0%	1,4%	0,7%	2,1%

Fonte: IBGE e MAPA/EMBRAPA (p/ o Brasil), INALE (p/ o Uruguai), FAO (p/ Paraguai), e USDA/FAS (p/ demais países).

MHF/abr 17.

Nota: Para o Brasil considerou-se 1 litro = 1,032 kg.

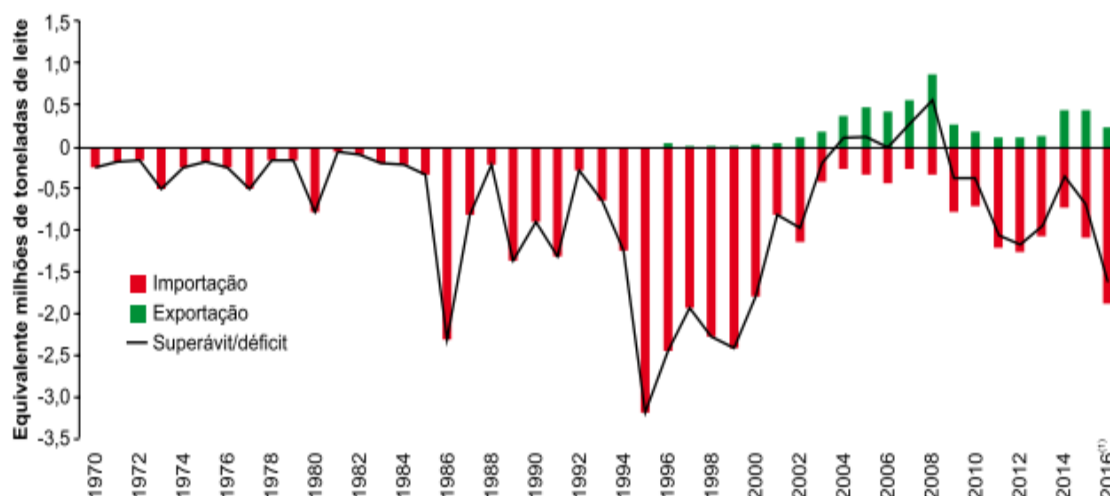
Produção Brasileira e o cenário de abastecimento de lácteos

O Brasil historicamente foi um grande importador de lácteos, até apresentar um superávit em 2004 - que se repetiu até 2008, quando o país voltou a ser deficitário. A Figura 2 apresenta o gráfico com o balanço da oferta e demanda, que aponta para o fim da era em que o aumento da produção substituiu as importações. A manutenção do crescimento acelerado da produção brasileira vai depender, em grande parte, da capacidade de se tornar um exportador de lácteos. O país já dispõe de 180 litros por habitante por ano. A estimativa de um estudo realizado pela FIESP é que os brasileiros poderão consumir em torno de 220 litros por ano em 2023, quando o país deverá ter uma população em torno de 214 milhões de pessoas, segundo estimativas do IBGE.

Esses dados apontam para um consumo de 47 bilhões de litros, num cenário otimista para o crescimento da economia e poder de consumo da população. A produção brasileira vinha crescendo em ritmo bem superior ao crescimento da população, exceto em 2015 e 2016, quando se registrou queda. Assim o Brasil deverá chegar na autossuficiência de lácteos num curto prazo e os aumentos de produção terão que enfrentar o mercado global. Por isso, nossas referências obrigatoriamente passam a ser a Nova Zelândia, Argentina, Uruguai e Austrália, que são os países mais competitivos na produção de leite.

Para ser competitivo e poder exportar, o Brasil terá que aplicar fundamentos de produção já amplamente utilizados nesses países. Quando o Brasil se tornar um exportador de lácteos, vai ter que bater nas mesmas portas do mercado que atualmente são abastecidas por países que já produzem leite de alta qualidade a custo baixo e com uma logística eficiente, respeitando o meio ambiente e o bem-estar animal e as maiores exigências de biossegurança vigentes no mundo.

Figura 2. Balanço de importações e exportações de lácteos no Brasil entre 1970 e 2016



Fonte: Embrapa e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

A produção brasileira historicamente se concentrou na região Sudeste, pois se destinava a abastecer o consumo interno e com as tecnologias existentes o leite tinha que ser produzido próximo dos grandes centros consumidores, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Com o advento de processos de industrialização que aumentaram o prazo de validade dos lácteos, como o leite UHT, conhecido como longa vida, a produção começou a se deslocar para a região Sul. Os três estados, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, já representam 38% da produção nacional, embora abriguem apenas 15% da população do país. O eixo da produção de leite está indo para o Sul, onde as condições edafo-climáticas são mais favoráveis ao gado leiteiro das raças europeias, como o holandês e o jersey.

Produção de leite na região Sul do Brasil.

Os três Estados que formam a região Sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná - produziram em 2017, 12,8 bilhões de litros de leite, dos quais 8,9 bilhões de litros foram entregues às indústrias com Inspeção Federal, Estadual ou Municipal, segundo levantamento divulgado pelo IBGE pelo sistema SIDRA. No Brasil, o total de leite processado nas indústrias em 2017 foi de 24,2 bilhões de litros, o que representa 70% do total produzido. Os 30% restantes são consumidos diretamente pelas pessoas no meio rural e pelos terneiros dos rebanhos leiteiros, além de venda informal na forma de queijos artesanais.

A Figura 3 apresenta em destaque a região onde mais cresce a produção de leite no Brasil, o que podemos chamar de nova “meca” do leite brasileiro. Trata-se de uma grande meia lua formada pelo Sudoeste do Paraná, todo o Oeste Catarinense e o Noroeste do Rio Grande do Sul. É nesta região que as indústrias de laticínios têm feito os maiores investimentos nos últimos 10 anos. Tomando Santa Catarina como exemplo, temos que a produção atual destinada às indústrias é de 8 milhões de litros de leite por dia, mas a capacidade industrial instalada das empresas de laticínios já é de aproximadamente 10 milhões de litros por dia, sendo que há novos projetos de expansão sendo instalados que aumentarão essa capacidade

em mais 2 milhões de litros dia, em curto prazo. Trata-se de uma clara sinalização de que a indústria vai incentivar os produtores e puxar a produção de leite.

Não existem estatísticas exatas sobre o número de produtores de leite no Brasil e na região Sul. O IBGE concluiu o levantamento de campo do novo Censo Agropecuário em 28 de fevereiro de 2018. Provavelmente teremos um número menor do que no Censo anterior, quando o IBGE estimou que o Brasil tinha em torno de 1,2 milhões de produtores de leite e a região Sul, em torno de 350 mil. Na região Sul, a produção de leite é uma atividade típica da agricultura familiar. Segundo dados das agroindústrias de laticínios, em Santa Catarina tem-se aproximadamente 48 mil produtores que entregam leite regularmente e que têm nessa atividade a sua principal fonte de renda. Paraná e Rio Grande do Sul teriam nessa mesma condição em torno de 60 e 70 mil, respectivamente. O leite é uma atividade de grande impacto socioeconômico no meio rural e urbano, pois gera grande número de empregos ao longo da cadeia produtiva e é fundamental para o fluxo de caixa das propriedades rurais, além de ativar o comércio local.

A profissionalização da produção está resultando em aumento de escala de produção e excluindo os produtores menores e menos eficientes. Estimativas feitas pela EMATER/RS indicam que nos últimos dois anos, no Rio Grande do Sul, 25 mil famílias deixaram a atividade de produção de leite.

Figura 3: Região de maior expansão da produção de leite no Sul do Brasil.



Em um período de 10 anos, entre 2006 a 2016, a região Sul aumentou sua participação na produção de leite 27,6% para 37,1%, e no ano de 2017 superou os 38%.

A tabela 2 apresenta a participação percentual dos principais estados produtores de leite no Brasil.

Leite - Produção brasileira - 2006/2016

Unidade da federação	Mil litros				Participação %			
	2006	2011	2015	2016	2006	2011	2015	2016
Minas Gerais	7.094.111	8.756.114	9.144.957	8.970.779	27,9	27,3	26,4	26,7
Paraná	2.703.577	3.815.582	4.659.559	4.730.195	10,6	11,9	13,5	14,1
Rio Grande do Sul	2.625.132	3.879.455	4.599.925	4.613.780	10,3	12,1	13,3	13,7
Santa Catarina	1.709.812	2.531.159	3.059.903	3.113.769	6,7	7,9	8,8	9,3
Goiás	2.613.622	3.482.041	3.405.513	2.933.441	10,3	10,8	9,8	8,7
São Paulo	1.744.008	1.601.220	1.768.414	1.692.068	6,9	5,0	5,1	5,0

Fonte: IBGE

Entre os estados do Sul, o destaque em termos de crescimento é Santa Catarina, que em 2016 se tornou o quarto maior produtor de leite do Brasil. É o estado que mais cresce na produção de leite no Sul do Brasil. Em 2006 Santa Catarina produzia 6,7% da produção nacional e em 2016 foram 9,3%, aumentando sua participação em quase 50%. Essa tendência continua, mas o crescimento da produção vai depender de acesso a mercado. Hoje Santa Catarina já produz 2,5 vezes o leite consumido pelos 7,1 milhões de catarinenses, enquanto em São Paulo a produção local só é suficiente para abastecer 1 em cada 4 dos 45 milhões de paulistas. Segundo dados do IBGE, em termos de industrialização, Santa Catarina superou o estado do Paraná em 2017, com um total de 2.757.319.000 contra 2.725.728.000 litros processados pelas laticínios paranaenses.

O leite é a atividade agropecuária que mais cresce em Santa Catarina e vai continuar crescendo a uma taxa em torno de 7 a 10% ao ano, como já vem acontecendo há quase duas décadas. Situação semelhante é encontrada no Paraná e no Rio Grande do Sul. O leite é uma atividade de alta densidade econômica que se encaixa muito bem no modelo de produção da agricultura familiar da região Sul. São famílias que têm pequenas áreas de terra, porém têm uma tradição na lida com animais. A produção de leite é a atividade agropecuária que ainda tem os maiores ganhos marginais a incorporar. Ou seja, é o setor onde as coisas vão mudar muito e para melhor nos próximos anos, é o setor em que o ponteiro mais vai se mexer, em termos de modernização, com aumento de eficiência e produtividade. As intervenções tecnológicas terão um impacto muito grande e certamente vão colocar muita pressão sobre os produtores que não se adequarem aos novos padrões produtivos do setor, com evidente risco de exclusão.

O potencial de produção nesta região é muito grande. Pode-se transformar as vantagens comparativas, que são dadas pelas condições naturais, em vantagens competitivas, através da inteligência e do profissionalismo. Num raciocínio lógico, fica evidente que no médio prazo é possível mudar a realidade do leite brasileiro. A vaca é um animal ruminante, portanto uma magnífica máquina de converter biomassa em produtos de alto valor, como os lácteos e carnes.

O Brasil é um país que tem climas tropical, subtropical e temperado, onde há muita radiação solar, muita chuva e terra em abundância, fatores essenciais para a fotossíntese. Forragens são produzidas a partir da fotossíntese e nesse quesito somos um país campeão. Na Europa e na Nova Zelândia as pastagens crescem, no máximo, durante seis a sete meses por ano produzindo até 16 toneladas de matéria seca por hectare por ano, enquanto aqui na região Sul do Brasil o pasto cresce durante 12 meses por ano, com potencial de produção de mais de 30 toneladas de matéria seca por ha/ano, pois aqui é possível combinar o cultivo de forrageiras de verão e de inverno. A fotossíntese intensa oferece uma vantagem comparativa muito grande, pois pode-se alimentar mais de 4 vacas por hectare. Porém ainda é preciso trabalhar muito para transformar essa vantagem comparativa em vantagem competitiva, isso requer conhecimento e tecnologia agrônômica, veterinária e zootécnica.

Ao fazer esse dever de casa, a região Sul do Brasil será capaz de produzir o leite mais competitivo do mundo. Se aplicar os melhores princípios e fundamentos agrônômicos na produção de forragens, como já se faz na produção de lavouras de soja, milho, arroz e cana, maximizando a produção por área, será possível produzir grandes quantidades de biomassa de boa qualidade nutricional por área de terra. O sistema precisará ainda da melhor genética animal e dos melhores métodos zootécnicos e veterinários para transformar essa biomassa em sólidos de leite (gordura, proteína, caseína e minerais), que é a matéria prima industrial da qual resultam os produtos lácteos que serão vendidos para o mundo.

O aumento consistente da produção na região sul do Brasil se deve à adoção de tecnologias que resultaram em aumento de produtividade. São diversos aspectos que compõem a profissionalização do setor. Os produtores estão acessando tecnologias de ponta para produção de pastagens em maior quantidade e qualidade, o melhoramento genético do rebanho e a melhoria das instalações que resultam em humanização do trabalho e em aumento de produtividade da mão de obra. Os produtores que têm foco se dedicam à atividade e apostam no leite como a principal atividade econômica de suas propriedades. Os produtores de ponta já entenderam que antes de serem produtores de leite, precisam ser produtores eficientes de pasto.

Desafios para a competitividade do leite na região sul do Brasil

A queda nos preços do leite pagos ao produtor, principalmente a partir do segundo semestre de 2017, se deve a um desequilíbrio entre oferta e demanda. O consumo caiu em função da crise econômica que desempregou mais de 13 milhões de brasileiros e a produção aumentou significativamente em função do retorno das chuvas para melhorar os pastos e da queda dos preços dos grãos como o milho, o que estimulou a produção com o uso de ração. Como o Brasil vinha importando mais leite para atender a demanda entre 2016 e início de 2017, em função da redução da produção naquele período, o efeito retardado da entrada desse leite no país também ajudou a derrubar os preços. Se o Brasil estivesse melhor preparado para exportar leite, como já faz com carne de frango, de suínos e outros produtos, certamente não teríamos visto esta queda acentuada de preços. Afinal, o mundo não está em crise e continua comprando alimentos. Essa é uma crise *made in Brazil*. Para evitar quedas acentuadas de preços, o setor lácteo brasileiro precisa se preparar para exportar. Ao produtor resta reduzir custos de produção e procurar formalizar sua relação por contrato com os elos da cadeia produtiva, tanto com fornecedores como com a indústria de laticínios. Essa não foi a primeira e certamente não será a última crise de preços no setor, mas o setor precisa se preparar melhor.

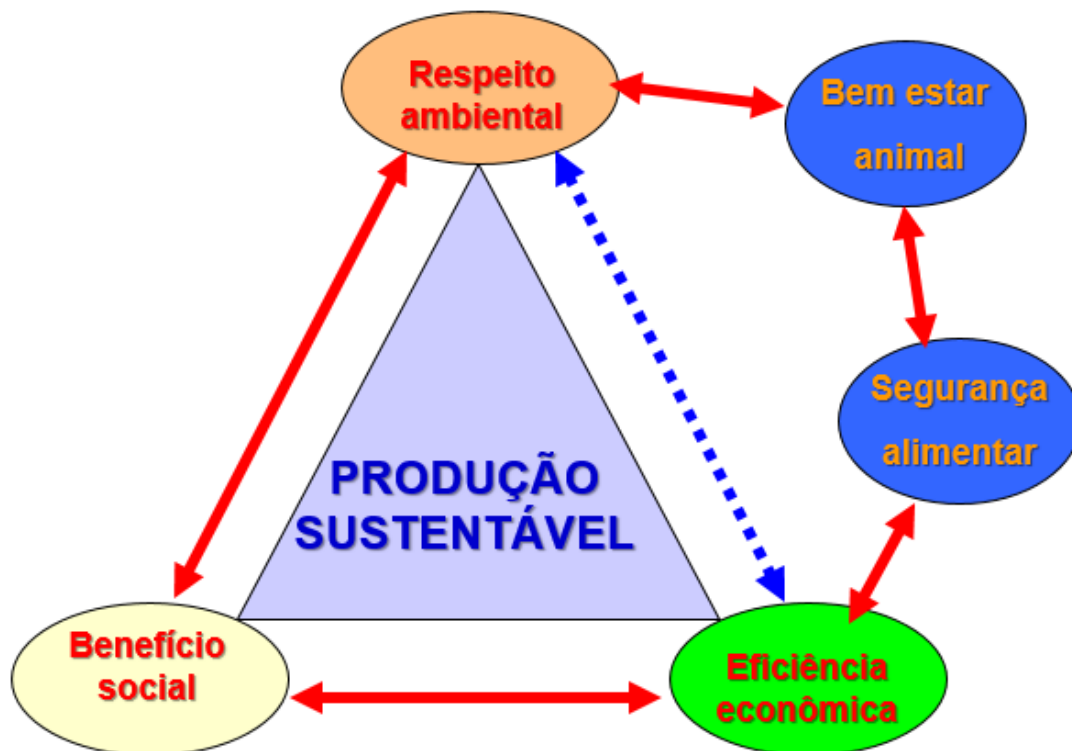
Com esse cenário de oferta e demanda, conclui-se que para o crescimento consistente de sua produção de lácteos, o Brasil precisa conquistar o mercado externo. E para isso, ainda temos muito dever de casa a fazer.

Para ser competitivo, é necessário que o leite produzido tenha simultaneamente três atributos: produto de alta qualidade; produzido a custo baixo; e organizado em uma cadeia produtiva com logística eficiente, cujas relações estão preferencialmente amarradas por contrato ou compromisso formal, como é o caso dos produtores cooperativados. É o tripé que sustenta qualquer atividade econômica sob regras de livre mercado. Não há como imaginar que o Brasil se torne um player importante no mercado mundial de lácteos sem satisfazer essas premissas.

Para poder crescer, o leite brasileiro precisa conquistar mais mercados em qualquer lugar do planeta. Ao ser competitivo no mercado global, ao mesmo tempo em que se levanta o teto limite da produção estabelecido pelo consumo interno, a produção brasileira estará em condições de competir, isto é, rechaçar a concorrência do leite importado que tanto preocupa os produtores brasileiros e então as importações não poderão mais ser culpadas pela queda de preços pagos ao produtor de leite.

Para melhorar a qualidade, é preciso produzir leite com maior teor de sólidos, reduzir a contagem de células somáticas e colônias formadoras de bactérias aos níveis internacionalmente aceitos e eliminar doenças como brucelose e tuberculose. A qualidade também inclui o bem-estar animal e o respeito ao meio ambiente. A Figura 4 mostra o tripé da sustentabilidade, acrescido dos aspectos essenciais da produção animal, que são o bem-estar animal e a segurança alimentar.

Figura 4: Princípios da produção sustentável de leite e derivados



Na questão dos custos, é fundamental aumentar a produtividade e a escala de produção, adotar tecnologias mais eficientes, inclusive equipamentos, e melhorar a genética vegetal e animal.

Na logística e organização da cadeia produtiva precisamos racionalizar o transporte, pois hoje, no Brasil, o setor só consegue colocar em média 47 litros de leite na plataforma da indústria por km rodado, enquanto nos países que exportam leite como a Nova Zelândia, esse índice passa de 200 litros.

Superar os obstáculos

A produção de leite no Brasil está em rápida transformação para melhor com a profissionalização dos produtores e demais elos da cadeia produtiva. Já temos produtores de ponta, que adotam modernos meios de produção, comparáveis aos melhores padrões do mundo. Porém, na média, o setor ainda tem muito a melhorar. Por isso, a estratégia deve ser a de nivelar para cima, olhando para o benchmark nacional e mundial, aprendendo com as soluções vencedoras. Afinal, se o país quiser aproveitar o gigantesco potencial de produção que tem e as grandes e crescentes oportunidades que o mercado global de lácteos oferece, é preciso se equiparar com os líderes.

As respostas virão da pesquisa agropecuária e inovação, que devem gerar soluções inovadoras para o setor, e da assistência técnica e extensão rural pública e privada que devem levar esse conhecimento aos produtores. Também virão do serviço de defesa agropecuária para atingir um estado de excelência sanitária que abre as portas dos mercados globais. Ainda virão de um sistema de fomento capaz de estimular os investimentos estratégicos no setor, que vão desde a genética de animais, máquinas, equipamentos, instalações de manejo, ordenha e resfriamento de leite, até incentivos para melhoria das pastagens. Os investimentos públicos em infraestrutura como melhoria de estradas, pontes, energia elétrica trifásica e internet no campo são imprescindíveis. A qualidade do leite depende muito da higiene, mas, ainda mais, da disponibilidade de frio para refrigerar o produto imediatamente após a ordenha, por meio de trocadores de calor e energia confiáveis.

Os problemas do tripé - qualidade, custo e logística - são semelhantes em todo o Brasil, mas o tempo para a busca das soluções é diferente. O Sul é a região do país que tem mais urgência em se preparar para exportar lácteos e que tem as melhores condições para fazê-lo. Hoje a região já produz 38% do leite brasileiro, tendo apenas 15% da população do país. Estima-se que em 2025 mais de 50% do leite do Brasil será produzido nos três estados da região Sul e então o país terá que exportar no mínimo 10% dos 54 bilhões de litros anuais que produzirá. Trata-se de um grande desafio, que para ser vencido exige ações imediatas. O alinhamento da legislação e a adoção de efetiva de padrões internacionais de qualidade previstos nas recomendações do *Codex Alimentarius* são fundamentais, com os devidos ajustes nas IN 51 e IN 62.

A qualidade do leite depende de animais saudáveis, genética, manejo, higiene e conservação do leite. Será o resultado do trabalho de suporte tanto da extensão rural pública como do departamento técnico das empresas do setor que incentivarão o produtor a melhoria contínua. Requer técnicos qualificados e comprometidos, e principalmente técnicos de diversas entidades que falem a mesma língua.

Os sistemas de pagamento por qualidade terão um papel fundamental na melhoria dos padrões do leite brasileiro. Quando mais qualidade se traduzir efetivamente em mais dinheiro no bolso do produtor de leite, a qualidade passará a ser a maior prioridade de todas. Pagamento por sólidos também induz a seleção genética e a adoção de sistemas de nutrição e manejo que maximizem a produção de sólidos. Critérios como conversão de pasto em kg de sólidos de leite precisam chegar à rotina do produtor de leite. Os produtores de frango e de suíno já calculam a conversão alimentar até a terceira casa depois da vírgula, enquanto a maioria dos produtores de leite ainda não se preocupa na eficiência da conversão de pasto em dinheiro, através das vacas de leite.

Aliança Láctea Sul Brasileira

A região Sul do Brasil apresenta problemas comuns e oportunidades comuns em relação à cadeia produtiva de lácteos. Para preparar a região a enfrentar o desafio de participar do mercado global, em setembro de 2014 os governadores de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul criaram a **Aliança Láctea Sul Brasileira**, (ALSB) que está focada em resolver os problemas comuns e aproveitar as oportunidades comuns que o setor tem, por meio de ações conjuntas. No caso específico de Santa Catarina, que já é livre de febre aftosa sem vacinação com certificado emitido pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) desde 2007, os principais desafios são controlar a brucelose e tuberculose e melhorar a qualidade do leite, organizar a produção com adoção de tecnologia de ponta para reduzir os custos de produção que permita competir com os preços internacionais de lácteos. A Figura 5 apresenta os propósitos da ALSB.

Figura 5 – Aliança Láctea Sul Brasileira



Fonte: Ronei Volpi, Aliança Láctea Sul Brasileira

A Aliança Láctea Sul Brasileira é um Fórum público e privado permanente que está estruturado para atuar em cinco eixos, para cada qual foi constituído um grupo de trabalho:

Grupo 1- Qualidade do leite e programas de pagamento por qualidade

Grupo 2- Geração e transferência de tecnologia, assistência técnica e qualificação profissional.

Grupo 3 - Saúde animal, inspeção e conformidade legal

Grupo 4 - Organização setorial e relações institucionais e entre os elos da cadeia

Grupo 5 - Política tributária, desenvolvimento industrial, de logística e de mercado

A meta principal da ALSB é transformar a região Sul do Brasil em EXPORTADORA DE LEITE. A razão para esse foco é a consciência que das lideranças do setor de que aqui existe um enorme potencial de produção de alimentos a partir de animais ruminantes, pelo grande potencial de fotossíntese e produção de biomassa, e de que o Brasil vai se tornar superavitário em lácteos no curto prazo. Portanto, para aproveitar esse potencial e aumentar a produção de lácteos, é preciso conquistar o mercado externo, sem negligenciar o mercado interno. O Sul do Brasil já fez esse trabalho com a suinocultura e avicultura e busca agora fazer o mesmo com o leite, com a coordenação da ALSB.

Considerações finais

O setor lácteo no Brasil está repleto de “bons problemas”. São assim chamados de bons problemas, pois ainda nos tiram a competitividade global, mas que têm solução. Está muito claro que a produção de leite no Brasil vai mudar muito, e para melhor, mas é certo que esse processo será seletivo, de forma que quem não fizer o dever de casa, será excluído. No entanto, o número total de empregos, renda e oportunidades da cadeia produtiva vai aumentar na medida em que o país for capaz de produzir mais leite e vendê-lo onde quer que esteja o consumidor. A melhor forma de estimular é inspirar os técnicos do setor e os produtores de leite nos exemplos de sucesso e construir os caminhos para ajudar o setor a se nivelar para cima. Na agropecuária existe uma coisa muito boa: não é proibido copiar os bons exemplos; e por isso os técnicos têm a nobre missão de ajudar os produtores e adotar as tecnologias já comprovadas e vencedoras de outras regiões ou países.

Um ponto de debate do setor atualmente é qual sistema de produção deve ser incentivado ou adotado pelos produtores. Deve ser somente à base de pasto à campo? *Free Stall*? *Compost Barn*? Sistema Misto? A verdade é que não existe um sapato que serve para todos os pés. O sistema mais adequado é o que dá mais rentabilidade no bolso do produtor, com sustentabilidade. Como o Sul do Brasil é uma região propícia para a produção de forragens e sendo a vaca um animal ruminante, o sistema deve começar por explorar esse diferencial competitivo. O Brasil é um país onde a mão de obra ainda é mais barata do que a dos seus principais concorrentes e dessa forma ainda se pode manipular a dieta dos rebanhos até um certo limite. Entretanto, o uso de “garçons de vaca” pode não ser sustentável em épocas de crise de mercado de lácteos.

O leite produzido terá que enfrentar a concorrência de mercado. Para enfrentar os desafios da oscilação de preços, é importante que o sistema seja “à base de pasto, porém admitindo

qualquer outro insumo ou alimento que passando por dentro da vaca e dê lucro”. Em outras palavras, se em uma determinada relação de preços o custo do concentrado e o preço do leite apresentarem uma relação que seu uso dá lucro, este deve ser utilizado para aumentar a produção de leite. Se, em outros momentos essa relação não for favorável, o sistema deve ser flexível a ponto de retirar os insumos que não dão lucro e continuar produzindo em menor quantidade, mas sem causar prejuízos continuados e insustentáveis. Esse é o princípio fundamental do sistema de produção de leite à base de pasto da Nova Zelândia, numa perfeita integração dos sistemas **solo – clima - planta – animal – mercado**, conforme demonstrado na Figura 6. Afinal, empreender é gastar dinheiro para multiplicar dinheiro. É preciso gastar bem.

Figura 6 - A lógica do modelo de produção neozelandês, competitivo no mercado global



As principais mudanças que deverão ocorrer na cadeia produtiva de lácteos da região Sul são:

1. Tratar pasto como lavoura, para aumentar a quantidade, a qualidade e a regularidade da produção de alimentos para os animais nas propriedades, com melhoramento genético das pastagens, uso de pastoreio rotativo de pastagens de inverno e verão, com uso de irrigação, produção de silagens, feno e pré-secados de alto valor nutritivo.
2. Melhoramento genético do rebanho, com especialização para raças leiteiras de alta conversão alimentar em sólidos de leite.
3. Aumentar o teor de sólidos do leite, pois não vamos exportar água, o leite deve ser visto como uma matéria prima industrial (a Nova Zelândia já tem 31% a mais sólidos, portanto, rendimento industrial que o leite brasileiro).
4. Melhorar a qualidade do leite, reduzindo a CBT e a CCS, melhorar refrigeração do leite com sistemas de troca de calor eficientes e baratos.
5. Sanear a brucelose, tuberculose aos níveis estabelecidos pela OIE e tornar a região livre de febre aftosa sem vacinação com certificação pela OIE, e total conformidade com as regras de sanidade animal.
6. Aumentar a escala de produção com segmentação das fases (cria de novilhas, vacas secas, vacas em ordenha), produção de alimentação adicional fora da propriedade

7. Melhorar os equipamentos de manejo e ordenha, para aumentar o número de vacas por equivalente homem. (Nova Zelândia são 175 vacas em ordenha por Eq/H e no Brasil a média não passa de 20)
8. Organização setorial: rotas de coleta do leite, parcerias entre produtores e infraestrutura (estradas para caminhões maiores e energia elétrica trifásica)
9. Estímulo ao surgimento de uma indústria de serviços no meio rural, para terceirização de atividades *ad hoc* e organização do sistema de produção para permitir folgas e férias aos produtores de leite, o que essencial para atrair os jovens para a atividade.
10. Pesquisa e assistência técnica especializada, com enfoque na gestão do negócio da propriedade rural.
11. Aproveitar ao máximo os resíduos da produção intensiva de suínos e aves da região sul, como fertilizantes para produzir mais forragens a custo baixo.
12. Eliminar assimetrias tributárias entre estados e países.

No âmbito da propriedade, para aumentar a renda dos produtores, é preciso focar em:

- *USO DA TERRA: mais kg matéria seca pasto/ha/ano → mais kg de sólidos de leite/ha/ano*
- *PRODUTIVIDADE DOS ANIMAIS: mais kg de sólidos de leite/vaca/ano e kg carne/ha/ano*
- *PRODUTIVIDADE DA MÃO DE OBRA: mais kg de sólidos de leite/EqHomem/ano*
- *ESTRUTURA E LOGÍSTICA CERTA: leite e carne de alta qualidade, com menor custo de produção e transporte*

“Eu não me considero um produtor de leite, sou um produtor de PASTO e vendo meu pasto através das vacas” (Produtor leite da Nova Zelândia em entrevista a Airton Spies, 1995)